

DOI: 10.20435/multi.v28i68.3694

Recebido em: 04/04/2022; aprovado para publicação em: 27/01/2023

**O trabalhador informal: como significa e confere sentido à
sua experiência**

***The informal worker: how he means and gives meaning to
his experience***

***El trabajador informal: cómo significa y da sentido a su
experiencia***

Ana Karolyna Branquinho da Costa¹

Wercy Rodrigues Costa Júnior²

Eveli Freire de Vasconcelos³

¹Psicóloga formada pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: karolyna_753@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5309-0471>

²Doutorando de Psicologia e mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Graduado em Filosofia e Psicologia pela UCDB. Professor titular nos cursos de Filosofia e Psicologia na UCDB. E-mail: wercypsi@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5018-3720>

³Doutora, mestre e graduada em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Atua como docente, supervisora de estágio e pesquisadora em Psicologia na UCDB. E-mail: rf6967@ucdb.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5140-760X>

Resumo: Devido à grave crise econômica brasileira, pode-se observar que os trabalhadores afetados pelas consequências psicossociais do desemprego têm dificuldade para manterem-se no mercado de trabalho formal, sendo levados a ingressar na informalidade. Dessa forma, a proposta de pesquisa apresenta como objetivo caracterizar e descrever o significado atribuído pelos trabalhadores informais do camelódromo da capital de MS à sua experiência diante da crise do mercado de trabalho. O método empregado foi de estudo de casos, em que foram realizadas entrevistas, as quais, posteriormente, foram analisadas a partir de Bardin (2011), que permite a categorização dos conteúdos abordados. Todavia, o presente projeto utilizou a teoria em que as categorias apresentadas são consideradas equivalentes no que se refere a significado e sentido, baseados em Tolfo e Peccinini (2007). Nos resultados, emerge a vulnerabilidade psicossocial, devido às características do trabalho informal, com impactos à saúde do trabalhador informal.

Palavra-chave: informalidade; trabalhador por conta própria; estudo de caso.

Abstract: Due to a serious Brazilian economic crisis, it can be observed that workers affected by the psychosocial consequences of unemployment find it difficult to remain in the formal labor market, being led to enter informality. Thus, the research proposal aims to characterize and describe the meaning attributed by informal workers at the street vendor in the capital of MS to their experience in the face of the labor market crisis. The method employed was case study, where interviews were conducted, which were later apprenticed from Bardin (2011), which allows the categorization of the contents addressed. However, the present project used the theory in which acceptable categories are equivalent in terms of meaning and sense based on Tolfo and Peccinini (2007). Psychosocial vulnerability emerges from the results due to the characteristics of informal work, with impacts on the health of informal workers.

Keywords: informality; self-employed; case study.

Resumen: Debido a una grave crisis económica brasileña, se puede observar que los trabajadores afectados por las consecuencias psicossociales del desempleo tienen dificultades para permanecer en el mercado de trabajo formal, siendo conducidos a entrar en la informalidad. Así, la propuesta de investigación tiene como objetivo caracterizar y describir el significado atribuido por los trabajadores informales de la venta ambulante en la capital de MS a su experiencia frente a la crisis del mercado laboral. El método empleado fue el estudio de caso, donde se realizaron entrevistas, que luego fueron aprendidas de Bardin (2011), lo que permite la categorización de los contenidos abordados. Sin embargo, el presente proyecto utilizó la teoría en la que las categorías aceptables son equivalentes en términos de significado y sentido con base en Tolfo y Peccinini (2007). De los resultados emerge la vulnerabilidad psicossocial debido a las características del trabajo informal, con impactos en la salud de los trabajadores informales.

Palabras clave: informalidad; trabajadores por cuenta propia; estudio de caso.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa seguinte se volta para a identificação e relação do impacto (prejudicial) do contexto de crise econômica atual – que combina uma instabilidade política com catástrofe sanitária e que ameaça ser explosiva para uma economia já cambaleante, pelo menos desde 2008 – nos trabalhadores sul-mato-grossenses, no que se refere ao surgimento de empreendimentos informais como uma forma de alternativa laboral.

A Psicologia, em conjunto com outras disciplinas, pode proporcionar um maior entendimento a respeito do tema, principalmente com o auxílio da disciplina Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), que tem como objetos de estudo: o trabalho, as organizações, a configuração do mercado de trabalho de uma região num processo inter-relacional. Pretende-se, assim, responder ao seguinte problema de pesquisa: “Como os trabalhadores informais significam e conferem sentido à sua experiência de trabalho no mercado informal durante períodos de crise?”.

Essa área da Psicologia, como outras áreas do conhecimento, também estuda o trabalho humano, principalmente em relação à variedade de significados e sentidos que são atribuídos a essa dimensão humana, os quais guardam entre si muitas contradições, mas igualmente muitas convergências.

Por isso, faz-se necessário, nesse momento, empreender uma incursão, ainda que breve, sobre o significado e o sentido do trabalho, a relação entre essas dimensões conferidas pelo ser humano ao ato de trabalhar, que dialeticamente nos conduzirá a repensar e rediscutir a constituição do sujeito. Isto é, como significado e sentido se inserem no processo de construção do real e do sujeito, e em que medida a objetividade e a subjetividade são também âmbitos de um mesmo processo de transformação do mundo e constituição dos humanos.

Sendo assim, o presente texto tem como objetivo apresentar a caracterização e descrição dos significados e do sentido da experiência pessoal de trabalhadores informais do camelódromo de Campo Grande, MS, a partir da crise atual do mercado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceituação do trabalho

Ao longo da história da sociedade, o significado de trabalho sofreu muitas transformações. Ao analisar a etimologia da palavra trabalho, remetemo-nos ao passado, diretamente ao latim, *tripallium*, ou tripálio, em português, que indicava já uma “denominação dada a um instrumento de tortura formado por três (tri) paus (*pallium*)”. Assim, originalmente, “trabalhar”, historicamente falando, significava ser torturado no *tripallium* (ALBORNOZ, 1994, p. 10).

No entanto, ainda que o trabalho e seu conceito tenham uma história, não é nossa intenção reconstruí-lo, mas apenas conceituá-lo e expressá-lo na sua relação com a constituição da subjetividade humana e seu impacto sobre os trabalhadores informais, num contexto de crise econômica.

Atualmente, o conceito de trabalho carrega consigo um sentido mais amplo do que o etimológico exposto acima, pois, além de promover a reprodução da existência humana, contribui fundamentalmente para a constituição da identidade do sujeito. Nesse sentido, o trabalho pode ser considerado como a forma originária do mundo dos seres humanos; ser considerado, pois, como fenômeno originário, como modelo do ser social (LUKÁCS, 1978). Ou seja, como a *protoforma* na qual se assenta o mundo dos seres humanos.

É pelo trabalho que o sujeito produz e transforma sua vida, significando-a de maneira mais alargada, e, ao mesmo tempo, confere significado e sentido a ela, seja ao construir relações interpessoais, adquirir diferentes habilidades, realizações pessoais, *status* social, ou contribuir com a sociedade e ter segurança econômica (MORIN, 2001). Assim, o caráter transformador do trabalho se realiza tanto na sua relação com objeto como na sua relação com o sujeito, originado da função mediadora entre a pessoa e a natureza. Nessa relação, mediada pelo trabalho, as potências humanas ocultas são desenvolvidas, ao mesmo tempo que as forças da natureza são subordinadas ao poder do homem (LUKÁCS, 1978).

Nesta exata medida, a produção do objeto não é apenas o processo de objetivação e, tampouco, apenas uma transformação da realidade, mas é

também a exteriorização de um sujeito. De acordo com Vasconcelos (2016), cada uma das transformações do real ocorrerá no nível de desenvolvimento já alcançado pela individualidade em questão. Portanto, um acontecimento no mundo do trabalho, especialmente em decorrência de um fator econômico, como supõe a pesquisa, pode causar impactos diretamente no comportamento, nas atitudes e no manejo de vida dos trabalhadores.

Segundo afirmam Araújo e Gois (2010), qualquer alteração no meio econômico afeta, direta ou indiretamente, o sujeito em seus sentimentos, suas cognições, comportamentos, sua saúde e relações com o trabalho, família e pessoas. De acordo com os autores, o inverso também ocorre. Ou seja, a maneira como os indivíduos se comportam produz efeito diretamente na economia do país, na dimensão imaterial da vida humana, dado o caráter dialético da relação.

Nesse horizonte, os conceitos de sentido e significado, como mediadores entre os sujeitos e a realidade, serão pensados à luz da função psicológica do trabalho, com a intenção de auxiliar na produção do conhecimento sobre esses. Isso porque o trabalho ocupa um inegável e amplo espaço na constituição da existência humana e insere-se entre as atividades mais importantes e singulares, constituindo-se em fonte relevante de sentidos e significados para a constituição da vida humana associada (VASCONCELOS, 2016).

2.2 Cenário atual da informalidade

Nos últimos anos, o país enfrenta uma grave recessão econômica. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2021, que faz um recorte dos anos de 2012 a 2020, em 2018, o número de trabalhadores informais brasileiros chegou a 37,5 milhões. Os índices aumentaram, passando para, em média, 38,4 milhões, cerca de 40% da população inserida no mercado de trabalho informal (IBGE, 2021). Desse modo, pode-se concluir que o setor informal tem representado um caminho para os trabalhadores desempregados e sem perspectiva de retornarem ao mercado de trabalho formal do país.

Essa grave crise econômica, além de ter afetado o mercado de trabalho, afetou, igualmente, a produção dos sujeitos, uma vez que a produção

da subjetividade se encontra implicada no modo como se produz a existência material, por meio do trabalho. Esse período de instabilidade, cujo período foi delimitado acima, alcançou seu ápice em 2015 e 2016, trazendo consequências tanto de caráter financeiro quanto social e psicológico para a classe trabalhadora brasileira.

Araujo e Gois (2011, p. 4) alegam que “[...] durante momentos recessivos, as fontes de estresse não são encontradas somente nos processos laborais, mas também na tensão gerada por salário decrescente e por uma instabilidade de emprego cada vez maior”. De acordo com Plihon (2007), essa instabilidade, além possuir alto custo econômico e social, pois perturba o desenvolvimento dos países em crise e reduz o crescimento da economia mundial, tem um custo humano, psicológico.

Com a crise, diversas empresas entraram em declínio ou declararam falência, obrigando seus funcionários a procurarem outras formas de trabalho. Os que não foram bem-sucedidos nessa nova busca se depararam com a situação da cronificação do desemprego, realidade que acontece quando o indivíduo se encontra há mais de um ano desempregado, conduzindo-o ao desalento e à perda de esperança em reingressar no mercado de trabalho. De acordo com Long (1953), o termo “desalento” se refere ao “efeito do trabalhador desencorajado”, designado àqueles que se deparam com salários e oportunidades de emprego baixos e, assim, optam por não procurarem emprego, reduzindo a força de trabalho de uma nação.

Com isso, a informalidade – termo designado àquilo que não está em conformidade com a lei – se apresenta como alternativa para manutenção e produção da vida laboral. Desse modo, pode-se inferir que o trabalho informal tem representado um caminho para os trabalhadores desempregados e sem perspectiva de retornarem ao mercado de trabalho formal do país.

2.3 Dados históricos sobre o mercado de trabalho de Campo Grande – destacando-se a informalidade nesse contexto, caracterização socioeconômica de Campo Grande, MS

Apesar de não estar entre os estados com maior número de trabalhadores informais do Brasil, faz-se necessário compreender os aspectos

culturais, econômicos e sociais do Estado de MS, em especial de sua capital, Campo Grande. Esses dados podem ter implicações na forma como o mercado de trabalho informal se configura em decorrência da crise, categorizando o cenário econômico do Estado e o modo como esses trabalhadores informais têm se reinventado no trabalho.

Ainda considerando dados fornecidos por Nascimento, Figueiredo e Miranda (2018), é possível especificar vários segmentos econômicos que têm mais destaque no Estado, sendo eles: agropecuária, indústrias e serviços. Um destaque para o setor do agronegócio, que é responsável por 30% do PIB de MS, tornando-se o coração da economia sul-mato-grossense.

Na esteira do agronegócio, a industrialização vem conquistando seu espaço na economia do Estado. O setor de serviços, que contribui significativamente para sua economia, tem como aliado o turismo, que vem crescendo e gerando empregos, distribuindo riquezas e impulsionando o desenvolvimento sustentável da região.

Entretanto, apesar dos segmentos econômicos citados estarem em ascensão e com uma diversidade de setores crescendo cada vez mais no Estado, a grave crise econômica que afetou o país em 2014, com consequências até os dias atuais, não impactou de modo diferente o estado de MS, em comparação com outros estados da Federação.

Segundo dados da PNAD, realizado pelo IBGE em 2021, o Estado possuía cerca de 85,53% da população economicamente ativa em 2015, mostrando um percentual elevado da população que está inserida no mercado de trabalho ou que, de certa forma, está procurando se inserir nele para exercer algum tipo de atividade remunerada. Mas, contraditoriamente, apenas 58,53% dessa população recebe até dois salários mínimos e, por outro lado, em média, 0,67% da população recebe acima de 20 salários mínimos.

Contudo, dados fornecidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2021, revelam que o número de desocupados no estado cresceu 35% no primeiro trimestre de 2019 comparado ao quarto trimestre de 2018, passando de 100 mil para 135 mil.

Esse cenário nos permite considerar que há grande possibilidade de que uma parcela significativa desses indivíduos desocupados busque outra forma de sustento, como a informalidade, por exemplo, que tem um índice

significativamente elevado no estado, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), realizada pelo IBGE (2021), na capital, essa taxa chega a 141 mil pessoas e, no interior, a 230 mil.

Ainda assim, entre as diversas unidades da Federação que demonstraram um crescimento do mercado informal, MS se destaca ao apresentar uma diminuição (-2,0%) no número de trabalhadores que ingressaram na informalidade em relação ao ano anterior, de acordo com dados da PNAD (IBGE, 2021). Entretanto, os dados ainda continuam sendo elevados, merecendo ser investigados, no caso desta pesquisa, sobre o modo como o trabalhador percebe e maneja essa forma de relação com o trabalho e o sentido e significado que confere a ela.

2.4 A conceituação de informalidade

Para poder entender melhor a proposta deste artigo, faz-se necessário compreender o conceito de “informalidade”. Apesar de estarem cada vez mais presentes no mercado de trabalho, na linguagem cotidiana e no universo simbólico das pessoas, os termos “informalidade” e “trabalho informal” não têm um consenso em sua definição, por possuírem diversas interpretações.

Como afirma Cacciamali (1983 *apud* LIMA; COSTA, 2015, p. 313): a “definição para caracterizar o setor, o mercado e/ou o trabalho informal dá margem a ângulos interpretativos diversos, pois cada uma das suas condições não se dá, em geral, com a mesma intensidade, nem simultaneamente”. Ainda de acordo com a autora, o trabalho informal é considerado um labor com característica autônoma, que persiste até a atualidade, no âmago da produção capitalista.

Devido a essa *inconformidade* para conceituar o fenômeno socioeconômico informal, Pamplona (2013) afirma que uma forma simplificada para conceituar essa área é considerando-a como “setor informal”, que, para o autor, é “um conjunto de unidades de produção não tipicamente capitalistas (critério da forma de organização da produção)” (PAMPLONA, 2013, p. 228). Tudo isso, dada a maneira como se insere nas estruturas produtivas, especificamente pela sua marginalidade, por não participar da produção da

mais-valia (atividades autônomas): “[...] quer pelos trabalhadores presentes nas unidades artesanais, indústria a domicílio ou, quer ainda, pela mão-de-obra intermitente, ou seja, aquela que é incorporada e expulsa ciclicamente das empresas capitalistas” (AZEVEDO, 1985, p. 241).

Ainda de acordo com o autor, o setor informal pode ser caracterizado pela existência do autoemprego e “auto-ocupação” e que, dessa forma, funciona para garantir um sustento e uma renda para o sujeito que trabalha com autonomia de desenvolvimento laboral (PAMPLONA, 2013). Como se observa, o trabalho informal é, sem dúvida, uma das formas pelas quais o capitalismo se move contemporaneamente.

De modo geral, os trabalhadores informais podem ser caracterizados por não possuírem direitos e benefícios que são atribuídos a todos os trabalhadores por meio da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), o que os coloca em condição de desproteção e desamparo da legislação no que se refere a direitos e garantias.

Esses trabalhadores adentram nesse mercado por não encontrarem outra solução para promover seu próprio sustento, buscando, assim, sua sobrevivência, autorrealização, autonomia (MCCLELLAND, 1972) e a recuperação da autoestima, dizimada pela insegurança causada pelo desemprego e a convivência constante com a preocupação de não obter êxito nessa nova realidade.

Como já mencionamos alhures, por ser considerado um objeto complexo, sendo um fator da vida que promove a integração social por meio do valor econômico e cultural que é atrelado a ele, o trabalho é um elemento de extrema importância no que se refere à saúde física e mental das pessoas (LEAL, 2008). Por isso, concomitantemente à busca pela reinserção no mercado de trabalho, precisamos acentuar que os trabalhadores informais precisam e procuram atribuir a ele um novo significado e conferir um novo sentido.

Pesquisas que vêm sendo desenvolvidas têm utilizado como referência essas duas categorias, possibilitando acesso a elementos da subjetividade de modo que se supere a dicotomia que marca as relações objetividade-subjetividade, mundo interno-externo, individual-social, em muitas teorias em Psicologia. Falamos, portanto, da teoria e do método, que, de forma

coerente, articulam-se para dar visibilidade à dimensão subjetiva da realidade (BOCK *et al.*, 2009).

Por conseguinte,

[...] considerando o valor heurístico das categorias significado e sentido, avaliamos que cumprir o papel de dar visibilidade há uma determinada importante zona do real, ou seja, como construções intelectivas abstratas que são, carregam a materialidade e as contradições presentes no real (p. 60).

É importante afirmarmos com clareza, para uma melhor compreensão, que o que constrói/constitui a consciência humana é a atividade mediada pelos significados. No entanto, é importante destacar “[...] que a categoria mediação, como apresentada aqui, não pode ser assumida com uma função de apenas ligar dois elementos, mas de ser o centro organizador dessa relação” (BOCK *et al.*, 2009, p. 58).

De acordo com Bendassolli (2009), a POT compreende o sujeito como alguém capaz de construir-se a si mesmo por meio da interpretação de significados e da atribuição de sentidos, no processamento das percepções e informações. Mas, por ser um conceito multifacetado e complexo, os significados e os sentidos do trabalho possuem diferentes acepções, recebendo, nesse texto, uma abordagem cognitivista). Contudo, para além da variedade acepções, é por meio dos significados e dos sentidos que as pessoas organizam a realidade que as envolve, isto é, que a experiência do trabalho humano é organizada na realidade.

A partir dessa compreensão, podemos tentar simplificar o que não é simples, afirmando que, no processo de desenvolvimento humano, os significados são compartilhados socialmente, por isso são mais estáveis e são mediadores do processo de comunicação. São, dialeticamente, transformados e convertidos em sentidos num processo subjetivo, portanto, particular, que contém como elemento essencial a realidade objetiva.

Assim, enquanto os significados são produzidos histórica e socialmente e são compartilhados pela linguagem, produzindo formas de consciência social, os sentidos, segundo Vigotski (2001, p. 465), seriam um agregado de “[...] todos os fatos psicológicos que surgem na nossa consciência como resultado da palavra/linguagem”, socialmente significada. Ele reafirma,

assim, que tanto as definições como as transformações que os sentidos e significados sofrem também são construídos por meio de uma relação dialética com a realidade.

Desse modo, há de se compreender que significados e sentidos devem ser assumidos como parte de uma mesma totalidade, por isso, mesmo que se relacionando dialeticamente, cada termo preserva sua distinção e singularidade. Significado e sentido são, portanto, momentos do processo de construção do real e do sujeito. No horizonte deste trabalho, a dialética se apresenta como o esforço para se perceber e compreender as relações sociais e históricas reais, ainda que o fenômeno se apresente por formas estranhas (BOCK *et al.*, 2009).

Tendo em vista um cenário de crise econômica, é necessário compreender as transformações que ocorrem no comportamento do indivíduo, por meio do acesso ao modo como os significados e os sentidos são constituídos e conferidos nessa nova realidade. Nesse horizonte, de acordo com Dejours (1999), o indivíduo que perde o emprego passa por um processo de ressocialização gradual e acaba tendo as estruturas de sua identidade abaladas, e aquele que permanece com ele sinaliza um sentimento de medo em perder o emprego e se tornar mais um dos “excluídos”.

Antunes (2000), por sua vez, reforça que o sentido do trabalho está relacionado com o sentido da vida, afirmando que uma vida sem sentido no trabalho é incompatível com uma vida com sentido fora dele. Assim, para que uma vida possua sentido, é necessário que o indivíduo encontre realização na esfera do trabalho.

Interessados pela relação entre trabalho informal, seus sentidos e significados e o modo como afetam a constituição e o modo de ser e estar do sujeito, despertou-nos o interesse em realizar uma pesquisa com foco no modo como são constituídos os significados e os sentidos nos trabalhadores informais de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, que exercem sua atividade no camelódromo¹ da capital.

Ou seja, buscamos compreender qual a percepção que os trabalhadores dessa área têm a respeito do trabalho que realizam, bem como

¹ Local de concentração de pontos-de-venda para camelôs, em geral demarcado por autoridades municipais.

investigar o cenário econômico-político e a forma como estes sujeitos se identificam com seu trabalho e qual o significado que socialmente recebem e o sentido que conferem a ele.

3 MÉTODO

3.1 Entrevistados

A pesquisa se propôs a trabalhar com um nível de realidade que não poderia ser quantificado, uma vez abriu a possibilidade de captação do universo de significados e sentidos que se manifestaram na relação entre trabalhador e informalidade. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 5 participantes; dentre eles, 4 são do sexo feminino e 1 do sexo masculino, todos trabalhadores informais do camelódromo de Campo Grande, MS.

3.2 Metodologia de pesquisa

Foram seguidas as recomendações relativas à ética na pesquisa com seres humanos das resoluções n. 196/96 e n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi enviado por meio da Plataforma Brasil e submetido à aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Católica Dom Bosco, sendo aprovado em 5 de setembro de 2019, sob o registro n. 3.557.701.

A pesquisa se apropria de uma abordagem qualitativa, a qual, segundo Minayo (2001), prioriza os significados, crenças, valores e atitudes do tema investigado, evidenciando a valorização das relações, processos e fenômenos que não podem ser quantificados ao analisar os dados. O embasamento teórico-metodológico se pauta nos pressupostos da Cognição Social, que, ao centrar-se nos processos internos nos quais os conhecimentos são formados e transformados, num processo dinâmico e ininterrupto, explicita saberes coletivos, quase sempre não acessados, da realidade onde o ser humano se encontra radicalmente implicado (VASCONCELOS, 2016, p. 49).

Nesse horizonte, o contexto laboral é apropriado pela concepção cognitivista, a partir de “[...] um conjunto de processos sociais que asseguram o

modo como são construídos e compartilhados os conhecimentos, as crenças e as atitudes em relação aos outros e como são equacionados os diferentes fatores presentes na situação de trabalho” (VASCONCELOS, 2016, p. 49). No entanto, esse processo de apropriação cognitivista dos saberes produzidos e compartilhados se ancora no pressuposto de que os comportamentos organizacionais são manifestações cognitivas, sustentando e orientando o crescente interesse pela instrumentalização da abordagem cognitiva na análise de organizações (SCHNEIDER; ANGELMAR, 1987).

Assim, a Cognição Social se expressa como um constructo que possibilita que o indivíduo perceba e decodifique os sinais sociais dentro de um contexto e consiga, assim, emitir uma resposta adequada e funcional no momento certo. Trata-se, portanto, de uma habilidade adaptativa do ser humano. Em outras palavras, “[...] trata-se de um sistema cognitivo complexo, no qual as habilidades envolvidas interagem e se complementam para que a pessoa possa fazer e ver sentido no mundo social” (VINIC; VELLOSO, 2011, p. 3). Desse modo, o sujeito pode ser visto como alguém capaz de constituir-se por meio da atribuição e interpretação de significados ou processamento de informações das suas experiências pessoais (BENDASSOLLI, 2009).

A pesquisa conta com método de estudo de casos, em que Eisenhard (1989) e Yin (2009) assim definem diante da utilização de dados qualitativos coletados a partir de acontecimentos reais para explicar, explorar ou descrever os fenômenos observados no contexto analisado. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais com os trabalhadores inseridos no mercado informal.

Os dados foram submetidos à análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), que, segundo a autora, consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 47).

Desse modo, é possível investigar o significado conferido pelos trabalhadores a partir de suas experiências acerca da informalidade, verificando sua relação com o posicionamento dos atores perante sua

percepção e manejo do trabalho diante do atual cenário econômico em que se encontram.

4 REVISÃO DE LITERATURA

É importante, nessa altura do artigo, apontar como os conceitos de significado e sentido do trabalho se encontram implicados aos temas que atravessam este artigo, tais como a crise econômica atual, o trabalho como categoria fundante do mundo humano, trabalho informal e o processo de subjetivação dos sujeitos, uma vez que tudo que está implicado traz implicações. Tal implicação e relação devem ser compreendidas sob diferentes perspectivas teóricas, conforme a literatura apresenta.

Ainda que existam diversas interpretações acerca dos significados e sentidos do trabalho e sua implicação na constituição do sujeito, é possível perceber que todas demonstram a importância da relação intrínseca do sujeito para com o domínio de sua ocupação laboral. Haja vista que o trabalho se apresenta como um recorte fundamental para analisar a constituição do sujeito e da subjetividade, desde uma perspectiva sócio-histórica, num processo dialético ininterrupto, condição que determina o caráter social e dialógico do ser humano.

Araújo e Sachuk (2007) afirmam que o sentido de trabalho é originário de processos históricos da vida do sujeito, como a maneira de se relacionar, compreender a si e os demais componentes do grupo, a cultura e a época na qual se está inserido. Assim, à medida que ocorrem transformações históricas e sociais, vão sendo transformados, concomitantemente, os sentidos, e os significados do trabalho também vão sendo modificados.

Corroborando o processo dialético das mudanças, Ovejero (2010), por sua vez, ressalta que, com as novas modificações do mundo do trabalho – como a informatização, automatização, as novas formas de gestão e produtividades –, estão ocorrendo mudanças no significado de trabalho para o indivíduo e a sociedade.

Diferentemente de autores que consideram o significado e o sentido do trabalho como categorias distintas, apesar de codeterminadas e codeterminantes, os integrantes do *Meaning of Work International Research Team*

(MOW, 1987) que produziram um dos principais estudos sobre os sentidos do trabalho, entre os anos de 1981 e 1983, em oito países, consideram significado e sentido sinônimos.

Tolfo e Peccinini (2007, p. 40) explicam que:

[...] apesar de não desconsiderarem que eles podem ser sinônimos, acreditam em uma nova hipótese, na qual significado pode ser entendido como a representação social que o labor tem para o trabalhador, e sentido como o valor pessoal que o trabalho possui para o indivíduo

O grupo MOW, citado acima, agrupou em três dimensões o significado de trabalho, sendo:

1. A primeira, relacionada à centralidade do trabalho, que é entendida com base no grau de importância que o trabalho tem na vida do sujeito e o quanto é central para a imagem dele.

2. A segunda diz respeito às normas sociais sobre o trabalho, que atuam como modelos sociais que dizem respeito às recompensas obtidas no exercício do labor, gerando no indivíduo a percepção do que seriam trocas justas entre o que ele recebe do trabalho e as contribuições que ele traz (MOW, 1987).

3. E, finalmente, a terceira dimensão, que se refere aos resultados valorizados do trabalho, que, segundo Mow (1987, p. 321), são os valores relacionados aos “[...] motivos que levam uma pessoa a trabalhar, como, por exemplo, obter prestígio e retorno financeiro, manter-se em atividade, o contato social e estabelecimento de relações interpessoais, sentir-se útil para a sociedade, entre outros”.

Em contrapartida, para Morin (2007), o sentido de trabalho está dividido em três estruturas: significado, orientação e coerência. O primeiro está relacionado com a interpretação que o sujeito faz de seu trabalho e o valor que é dado a ele. O segundo está relacionado ao que ele busca com seu trabalho e de que forma o conduz. E, finalmente, a coerência, que é a relação de estabilidade e harmonia que o indivíduo espera de seu trabalho.

Para Antunes (2000), o sentido da vida e do trabalho estão relacionados entre si. Quando não se tem sentido no trabalho, conseqüentemente não se tem na vida, e, para que o indivíduo encontre este sentido, ele precisa

se sentir realizado. Dessa forma, para que o sujeito se sinta realizado pessoalmente, precisa atribuir significados para seu trabalho.

Reforçando essa relação intrínseca entre trabalho e realização humana, Araujo e Gois (2011, p. 1) ainda destacam:

Qualquer alteração no meio econômico afeta, diretamente ou não, o homem: suas cognições, seus sentimentos, seus comportamentos, sua saúde, suas relações com outras esferas da vida (trabalho e família, por exemplo) e com as outras pessoas. O trabalho, em decorrência da sua relação direta com o campo econômico, é o aspecto em que primeiro se nota uma alteração diante de um cenário recessivo (p. 1).

Standing (2013), por sua vez, afirma que, em decorrência desses problemas pelos quais passa a sociedade atual – além dos trabalhadores terceirizados, com baixa qualificação, trabalhadores temporários ou com vínculos empregatícios informais –, indivíduos com alto grau de especialização e formação profissional também se encontram em situações de trabalho instáveis e flexíveis.

Este conjunto de fatos inter-relacionados pode conduzir a uma falta de identificação do sujeito com o trabalho, condição que dificultaria a mobilização em vista do reconhecimento dos seus direitos, além de afetar seu máximo desempenho laboral. Esses fatores contribuem para a desestruturação em massa da dinâmica do mercado de trabalho de uma sociedade, afetando diretamente seu desenvolvimento econômico e a produção de subjetividades cidadãs.

Relacionado a isso, Dejours (1999) aponta que o sujeito não se mobiliza diante dos problemas ocasionados pelas políticas neoliberais. Pelo contrário. O autor ressalta que os trabalhadores aceitam as condições precárias de trabalho e emprego como se fossem normais, como a competitividade e a **resiliência**, por exemplo.

Apesar das distintas e até contraditórias perspectivas a respeito do significado e dos sentidos do trabalho, num aspecto parece haver uma concordância: o espaço ocupado pelo trabalho na existência humana é um regulador da organização da vida, do tempo e do espaço, permitindo que o ser humano realize suas potencialidades. Por isso, na mesma medida em que se transformam as bases materiais da sociedade, como o advento e o

crescimento significativo do trabalho informal (FILION, 1999; CIELO, 2001), muda-se, também, a base imaterial dela. Ou seja, muda também o modo como o ser humano produz a si mesmo ao produzir a realidade, a partir de um novo contexto.

Por isso, faz-se necessário compreender o modo como os seres humanos significam e conferem sentido ao trabalho, sob uma nova lógica de produção, marcada pela ascensão e pelo crescimento do trabalho informal, vista a partir de um cenário nacional de crise econômica, com impactos regionais, como caminho de compreensão de um novo modo de constituição de si, com implicações no comportamento dos indivíduos.

Toda crise, seja de qual matiz for, precisa ser ouvida, porque oferece também possibilidades singulares de respostas, como forma de reorganizar o caos provocado por ela, mas organizado pela capacidade humana de significar e conferir novos sentidos à realidade. Todo ciclo econômico, independentemente de sua dimensão, está vulnerável a uma recessão. Para Ferrari Filho e Paula (2004), não há como evitar uma crise, e essa se torna até previsível.

A instabilidade no cenário econômico do Brasil, provocada pela crise de 2014², trouxe graves impactos para o mercado de trabalho, gerando em torno de 13 milhões de pessoas desempregadas, de acordo com dados da PNAD (IBGE, 2021). Para além dos prejuízos financeiros provocados por ela, importante também apontar para seus impactos psicológicos.

Bento (2009), ao mencionar que, nos Estados Unidos, os efeitos causados pela crise que atingiu o mercado financeiro do país fizeram com que o número de pessoas em busca de ajuda, nos centros para prevenção de suicídios, aumentasse em 30%, no ano de 2008, evidencia a gravidade que os danos psicológicos causados por uma crise podem ter em determinada população.

De acordo com os dados da pesquisa de Bernardino e Andrade (2015), referentes às condições de saúde dos trabalhadores informais, por meio

² A atual crise na economia brasileira, que teve início no segundo trimestre de 2014, foi desencadeada por choques de oferta e demanda causados por erros nas políticas públicas econômicas, que ocasionaram uma redução na capacidade de crescimento da economia brasileira e geraram um custo fiscal elevado (BARBOSA FILHO, 2017).

de um levantamento de artigos publicados de 1990 a 2014, foram identificados diversos problemas de saúde entre os trabalhadores desse setor. Dentre eles, os transtornos de ordem psíquica, pois o fato de não ter um trabalho fixo faz com o trabalhador, que desempenha as suas funções de forma livre, trabalhe mais tempo; afinal, para ele, quanto maior o número de horas trabalhadas, maior a possibilidade de aumentar a renda, que em muitos casos é baixa. Tendo em vista esse contexto, a incapacidade de sustentar completamente a família, mesmo se colocando em situações desgastantes e de risco, pode fazer com que o indivíduo desenvolva um sentimento de inutilidade e depressão, ocasionando a possibilidade de desencadear transtornos mentais, que resultam em má qualidade de vida (GANGOPADHYAY; DAS, 2012; LAKHANI, 2004 *apud* BERNARDINO; ANDRADE, 2015).

Apesar de os transtornos mentais aparecerem nos dados do levantamento realizado pelas pesquisadoras, pode-se observar que há um predomínio de problemas osteomusculares e de cansaço físico, que podem estar relacionados a condições de trabalho desgastantes, que, em parte, exigem esforço físico e jornadas extensas de trabalho, de acordo com estudos de Alencar, Cardoso e Antunes (2009), Ballesteros, Arango e Urrega (2012), Gangopadhyay e Das (2012), Lakhani (2004) e Rosa e Matos (2010).

Para as autoras, essas questões relacionadas à saúde do trabalhador têm muita ligação com o fato de essa classe trabalhadora não possuir direitos trabalhistas e sociais, o que facilita a exploração e precarização do trabalho. Assim, quando se trata da saúde no contexto da informalidade, é importante considerar as características do trabalho desenvolvido, as atividades, os processos, os riscos à saúde e o tipo de exposição ao qual esses trabalhadores são submetidos, tendo-se em vista que, por não possuírem amparo legal, não dispõem de acesso a programas que visem à promoção e preservação da saúde.

Ainda de acordo com Bernardino e Andrade (2015), pode-se considerar que esses trabalhadores se encontram em situação de vulnerabilidade social, o que torna necessária a realização de ações estratégicas que possam garantir o direito à saúde desses indivíduos, independentemente da forma que estão inseridos no mercado de trabalho.

Seligmann-Silva (1994) realça que os efeitos de uma crise não afetam somente os desempregados, mas também os que possuem empregos, pois estes convivem com uma ameaça constante de também perderem seus empregos. As relações estabelecidas com seus companheiros de trabalho, e possivelmente sua carreira, também se tornam passíveis de sofrer com os abalos e as mudanças resultantes da crise.

Ainda sobre a crise econômica brasileira, Antunes (2008 *apud* GOIS; ARAÚJO, 2011, p. 4) destaca que

[...] há uma precarização sem paralelos em toda era moderna da força humana que trabalha, a qual oscila entre a busca por trabalhos precários e a vivência do desemprego, ou seja, os sujeitos que não possuem emprego além de conviverem com esse fato ainda lidam com trabalhos precários, como o mercado informal

De acordo com dados de uma pesquisa realizada por Curi e Menezes-Filho (2006), desde os anos 1980, o Brasil tem um grandioso número de trabalhadores sem contrato formal. Contudo, as inúmeras, distintas e, às vezes, contraditórias definições sobre o tema dificultam uma definição acabada e consensual elaborada pelos pesquisadores da área (ULYSSEA, 2006).

O instituto ainda acrescenta que não se deve caracterizar este grupo apenas pela ausência da carteira de trabalho, pois

[...] a ausência de registro em carteira de trabalho não deve ser utilizada como critério único para definição do mercado informal, à medida que a lógica do mesmo diz respeito ao modo de funcionamento da unidade econômica e não do seu status legal ou das relações que as mantêm com as autoridades públicas (IBGE, 2003).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Perfil dos trabalhadores

Os trabalhadores têm de 19 a 58 anos, escolaridade entre ensino fundamental e superior incompleto. Dois comercializam roupas; um, brinquedo; e os outros dois, cosméticos e perfumes. As mercadorias são trazidas de

São Paulo, Goiânia e do Paraguai, três deles estão atuando informalmente pela primeira vez, e os outros dois já atuavam.

Para a análise do conteúdo das cinco entrevistas, foi constituído um *corpus* textual a partir da transcrição das narrativas sobre o trabalho informal, o qual foi analisado a partir da análise de conteúdo de Bardin.

Parece evidente uma preocupação dos participantes com a falta de segurança. Nas narrativas, são identificadas três categorias: a primeira é “Vulnerabilidade”, em que se discorre sobre a situação na qual os entrevistados se encontram por não terem garantias no setor; a segunda é “Subsistência”, em que são apresentados os motivos pelos quais os participantes entraram no setor de informalidade, que é prover seu próprio e sustento. E a terceira e última é nomeada “Impactos à saúde”, expondo-se as consequências físicas e psicológicas que esses trabalhadores adquiriram exercendo suas atividades nesse setor.

5.2 Vulnerabilidade

A partir da fala dos participantes, foi criada a categoria “Vulnerabilidade”, que expõe a falta de garantias, dentre outras precariedades, que os trabalhadores informais encontram no setor. A partir da pergunta “Para você, o que significa ser um trabalhador informal?”, visava-se compreender de que forma esses trabalhadores compreendiam a informalidade. As respostas obtidas foram:

“Uma pessoa que não tem garantia de nada” (Participante 1).

“Ser seu próprio chefe” (Participante 2).

“É você depender de pessoas que nunca viu na vida” (Participante 3).

“Que não tem vínculo informativo nenhum, não tem respaldo do governo” (Participante 4).

“É ruim por não ser registrada” (Participante 5).

A maioria dos entrevistados respondeu que, para eles, significa não ter algumas garantias que trabalhadores registrados possuem, por direito. De fato, de acordo com a literatura, o trabalho informal pode ser caracterizado pela realização do labor por conta própria, ou seja, sem um contrato formal de trabalho (COELHO-LIMA; BENDASSOLI, 2018). Dessa forma, é compreendido como um trabalho que não possui registro em carteira, pode ser em

domicílio, sem inscrição na previdência e comércio ambulante (CARDOSO, 2013; KREIN; PRONI, 2010). Tendo em vista isso, pode-se entender que a questão que emerge da fala dos participantes é que eles se encontram em uma situação de vulnerabilidade, devido às inseguranças características desse setor.

Além dos pontos negativos, que se sobressaem em diversas perguntas, os entrevistados também trouxeram pontos que consideram positivos de se trabalhar nesse setor, ao serem questionados a respeito, como: “fazer amizades” e “ter experiências novas”. Pode-se observar que, em algumas falas, a autonomia de “trabalhar do jeito que quer” e “ser seu próprio chefe” é utilizada como uma vantagem. Esse fato pode estar relacionado a um discurso que incentiva esses trabalhadores a aderirem a essas modalidades, como se fossem empreendedores. “Eles proclamam a superioridade do trabalho por conta própria, por meio do empreendedorismo, como saída privilegiada ao desemprego (BENDASSOLI; COELHO-LIMA, 2020, p. 2).

Além dessa questão, o trabalho como forma de subsistência, a qual será tratada na próxima categoria, também é considerado por eles como um ponto positivo de se trabalhar nesse setor.

5.3 Subsistência

Com base no discurso dos participantes, foi criada a categoria “Subsistência”, que aborda a questão do sustento como o principal motivo para esses trabalhadores do setor de informalidade. A pergunta “O que significa (pessoal e profissionalmente) trabalhar nesse setor? Ou informalmente”, tinha como objetivo compreender qual é o significado atribuído por esses trabalhadores informais ao seu trabalho. Algumas das respostas obtidas foram: “É meu ganha pão. É o meu sustento” (Participante 1). “Que é o meu ganha pão. É daqui que eu sustento a casa” (Participante 2). “Meu sustento” (Participante 3).

As respostas demonstram que esses trabalhadores têm uma relação de subsistência com essa forma de trabalho. Enquanto o país se encontra em uma crise no mercado de trabalho, é por meio do trabalho informal que eles encontram o seu sustento. Como aponta Serrano e Brunstein (2011),

que aquela população com menos possibilidades de escolha, um dos grandes sentidos atribuídos a ele relaciona-se com a possibilidade de contribuir com o sustento da família.

Ainda mais quando esse sustento vem de forma imediata, em comparação a um salário assegurado a trabalhadores registrados, como constata Bendassolli e Coelho-Lima (2020): “Quanto à renda obtida, o que se tem observado é a contraposição entre o salário, que é necessário esperar um mês para ter alguma renda – que se esvai antes do novo pagamento –, enquanto que na informalidade o retorno é imediato” (BENDASSOLLI; COELHO-LIMA, 2020, p. 3), ou seja, para esses trabalhadores, é um fato positivo ter um retorno imediato.

Entretanto, esses trabalhadores precisam, em alguns casos, trabalhar muitas horas para ter um lucro maior, e esse fato pode gerar consequências negativas para sua saúde, como se pode observar na categoria “saúde na informalidade”.

5.4 Impactos na saúde

Essa categoria relaciona a saúde do indivíduo e seu trabalho. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a manutenção da saúde mental pode ser realizada pela satisfação de algumas necessidades, como ter um trabalho, a liberdade para executá-lo e realização pessoal (GERIN, 2008). Portanto, o trabalho pode ser considerado elemento fundamental quando se trata de saúde mental.

Na entrevista realizada, pode-se observar que alguns entrevistados, ao responderem as questões, queixaram-se do cansaço e do estresse obtidos na realização de suas funções diárias. Na questão “Quais são as principais características de seu trabalho?”, o cansaço e o estresse foram mencionados. Na questão “Quais os pontos positivos e negativos de trabalhar com isso?”, mais uma vez, o “cansaço” e o “estresse” foram apresentados por mais da metade dos entrevistados, além de outras questões, como assédio. Por fim, na questão “Como é um dia de trabalho?”, mais da metade dos entrevistados apresentaram novamente o “cansaço” e o “estresse”, além de pedirem também auxílio psicológico, como pode ser observado na fala de

uma das entrevistadas: “*Cansativo, tenso! Principalmente em épocas que a gente precisa vender. A gente precisa de um psicólogo porque é cada um que vem aqui. Pessoas mal-educadas!*”

A informalidade tem características que podem causar sérios danos à saúde psicológica, como a presença de instabilidade no trabalho, carência de benefícios sociais e de proteção da legislação trabalhista, e, também, podem ser responsáveis pelo desenvolvimento da ansiedade e da depressão entre trabalhadores informais (BÁRBARO *et al.*, 2009).

As entrevistas desse projeto foram realizadas em janeiro de 2020. Apesar de estar previsto que mais participantes fossem entrevistados, o mundo foi surpreendido com a chegada da pandemia proporcionada pelo novo coronavírus, que, por ter uma alta taxa de transmissão, fez com que o distanciamento social fosse necessário. O coronavírus 2019 (covid-19) é causado por uma síndrome respiratória severa e aguda (SARS-CoV-2), que instaurou uma grave crise sanitária mundial (KIT-SAN *et al.*, 2020).

Diante dessa nova realidade, novos estudos deverão ser produzidos para compreender os impactos dessa pandemia para os trabalhadores informais e para os demais, e, assim, desenvolver estratégias para diminuir os impactos psicossociais na vida desses trabalhadores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O setor da informalidade vem apresentando um grande crescimento no país. A partir da pesquisa realizada, pode-se observar que os participantes, vendedores do camelódromo de Campo Grande, compreendem que a informalidade é um setor instável, caracterizado por não atribuir garantias, com consequências negativas que se sobressaem, como o cansaço, muitas horas de labor e o estresse ocasionado pela função de atender pessoas. Tais circunstâncias são enfrentadas por questão de subsistência.

Apesar dos dados consideravelmente satisfatórios, a presente pesquisa encontrou-se com algumas limitações. Dentre elas, o número de participantes deste estudo de caso, que teve de ser reduzido devido à pandemia provocada pelo novo coronavírus. A pandemia provocou o distanciamento social obrigatório para que o vírus não fosse disseminado tão rapidamente

e, com isso, o camelódromo e o comércio em geral tiveram de cessar suas atividades por um período de quase vinte dias.

Contudo, a pesquisa realizada pode contribuir para aumentar e fundamentar as pesquisas realizadas sobre o tema. Além disso, com a crise proporcionada pelo novo coronavírus, os trabalhadores informais foram um dos setores mais prejudicados, o que os coloca em situação ainda mais vulnerável, enfatizando a importância de que mais pesquisas sejam realizadas.

E a Psicologia, em conjunto com outras disciplinas, pode proporcionar uma maior compreensão a respeito do tema, com o auxílio das disciplinas de Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), que tem como objeto de estudo as organizações, o trabalho e suas relações e, conseqüentemente, o mercado de trabalho, para, assim, contribuir no desenvolvimento de estratégias que possam minimizar os impactos psicossociais provocados nas pessoas que se encontram neste setor.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. *O que é trabalho?* São Paulo: Brasiliense, 1994.

ALENCAR, M. C.; CARDOSO, C. C.; ANTUNES, M. C. Condições de trabalho e sintomas relacionados à saúde de catadores de materiais recicláveis em Curitiba. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 36-42, 2009.

ALMEIDA, M. B.; ANDRADE, M. O trabalho informal e as repercussões para a saúde do trabalhador: uma revisão integrativa. *Referência - Revista de Enfermagem*, Coimbra, v. 4, n. 7, p. 149-58, 2015

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.

ARAUJO, M. R. M.; GOIS, C. C. Crise Econômica: percepção e manejo por trabalhadores de um interior nordestino. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, 41., 2011. Belém. *Anais [...]*. Belém: SBP, 2011.

ARAÚJO, R. R.; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. *Revista de Gestão*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, jan./mar. 2007.

O trabalhador informal: como significa e confere sentido à sua experiência

AZEVEDO, B. R. Z. A produção não tipicamente capitalista: diversas abordagens. *Ensaio Fee*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 233-74, 1981.

BALLESTEROS, V. L.; ARANGO, Y. L.; URREGA, Y. M. Condiciones de salud y de trabajo informal en recuperadores ambientales del área rural de Medellín, Colombia. *Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 5, p. 866-74, 2012.

BÁRBARO, A. M.; ROBAZZI, M. L. C. C.; PEDRÃO, L. J.; REGILENE, M. Z. C.; SUAZO, S. V. V. Transtornos mentais relacionados ao trabalho: revisão de literatura. *SMAD Revista Eletrônica em Salud Mental, Alcohol y Drogas*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 1-6, 2009.

BARBOSA FILHO, F. H. A crise econômica de 2014/2017. *Estudos avançados*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 89, p. 51-60, 2017.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENDASSOLI, P. F.; COELHO-LIMA, F. Trabalhadores e trabalhadoras na informalidade: intervenções possíveis. *SBPOT* [online], Brasília, 2020.

BENDASSOLLI, P. F. *Psicologia e trabalho: apropriações e significados*. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

BENTO, W. F. Crise econômica contribui para elevar tendência ao suicídio nos EUA. *Folha* [online], São Paulo, jan. 2009.

BERNARDINO, D. C. A. M.; ANDRADE, M. O Trabalho Informal e as Repercussões para a Saúde do Trabalhador: Uma Revisão Integrativa. *Referência: Revista de Enfermagem*, Coimbra, v. 4, n. 7, p. 149-58, out./dez. 2015

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; LIEBESNY, B.; SVARTMAN, B.; MARCHESAN, E. C.; KAHHALE, E. P.; ROSA, E. Z.; FURTADO, O.; SANCHEZ, S. G.; AGUIAR, W. M. G. *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009.

AGUIAR, W. M. G. *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009.

CARDOSO, A. *Ensaio de sociologia do mercado de trabalho brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.

CACCIAMALI, M. C. *O setor informal urbano e formas de participação na produção*. São Paulo: Ed. IPE, 1983.

CIELO, I. D. *Perfil do pequeno empreendedor: uma investigação das características empreendedoras em empresas de pequena dimensão*. 2001.128p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2001.

COELHO-LIMA, F.; BENDASSOLLI, P. F. A ideologia e o significado do trabalho para trabalhadores por conta própria. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 23, n. 3, p. 259-70, 2018.

CURI, A. Z.; MENEZES-FILHO, N. A. O Mercado de Trabalho Brasileiro é Segmentado? Alterações no Perfil da Informalidade e nos Diferenciais de Salários nas Décadas de 1980 e 1990. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 867-99, 2006.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1999.

EISENHARDT, K. M. Building theories form case study research. *Academy of Management Review*, New York, v. 14, n. 4, p. 532-50, out. 1989.

FERRARI FILHO, F.; PAULA, L. F. *Globalização financeira: ensaios de macroeconomia aberta*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *RAUSP Management Journal*, São Paulo. v. 34, n. 2, p. 6-28, 1999.

GERIN, M. C. C. *Burnout: o trabalho docente e a saúde ocupacional no Colégio Brigadeiro Newton Braga*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência da Saúde e do Ambiente) – Centro Universitário Plínio Leite (UNIPLI), Rio de Janeiro, 2008.

GANGOPADHYAY, S.; DAS, T. An ergonomic study on the onset of mental fatigue among the load handling workers of a central market area in Kolkata. *Work*, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 2467-471, 2012

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. *PNAD contínua* - Pesquisa nacional por amostra por domicílios contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Principais_destaque_PNAD_continua/2012_2020/PNAD_continua_retrospectiva_2012_2020.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Trabalho informal atinge 60% da população. *IBGE/ECINF* [online], Rio de Janeiro, 2003.

KIT-SAN, Y.; ZI-WEI, Y.; SIN-YEE, F.; CHI-PING, C.; DONG-YAN, J. SARS-CoV-2 and COVI-19: the most important research questions. *Cell & biociense*, [s.l.], n. 10, 2020. Disponível em: www.toledo.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2020/03/SARS-CoV-2-e-COVID-19-as-questoes-de-pesquisa-mais-importantes.pdf. Acesso em: 7 abr. 2021.

KREIN, J. D.; PRONI, M. W. *Economia informal: aspectos conceituais e teóricos*. Brasília: OIT Brasil, 2010.

LAKHANI, R. Occupational health of women construction workers in the unorganized sector. *Journal of Health Management*, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 187-200, 2004.

LONG, C. Impact of effective demand on the labor supply. *American Economic Review Papers and Proceedings*, Pittsburgh, v. 43, p. 458-67, 1953.

LEAL, A. L. A. *Bem-estar no trabalho entre docentes universitários: estudo de caso em uma IES pública*. 2008. Dissertação (Mestrado em Administração) - Núcleo de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

LIMA, T. B.; COSTA, M. S. Trabalho informal: uma revisão sistemática da literatura brasileira na área de Administração entre 2004 e 2013. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 310-24, 19 out. 2015

LUKÁCS, G. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. p. 1-18.

MCCLELLAND, D. C. *A sociedade competitiva: realização & progresso social*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

MEANING OF WORK INTERNATIONAL RESEARCH TEAM [MOW]. *The meaning of working*. London: Academic Press, 1987.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, A. P. P.; FIGUEIREDO, A. M. R.; MIRANDA, P. R. Dimensão do PIB do agronegócio na economia de Mato Grosso. *Ensaios FEE*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 903-30, mar. 2018.

OVEJERO, A. B. *Psicologia do trabalho em um mundo globalizado: como enfrentar o assédio psicológico e o stress no trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PAMPLONA, J. B. Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo. *Revista Brasileira de Estudos da População*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 225-49, 1 jun. 2013.

PLIHON, M. A globalização financeira. In: COLÓQUIO POBREZA, DÍVIDA EXTERNA E AS TRÊS INSTITUIÇÕES IRMÃS: FMI, BANCO MUNDIAL E OMC, 2007, Coimbra. *Anais [...]*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007.

ROSA, M. F. M.; MATOS, U. A. A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara. *Ciências e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1543-552, 2010.

SERRANO, C.; BRUNSTEIN, J. O gestor e a pcd: reflexões sobre aprendizagens e competências na construção da diversidade nas organizações. *REAd – Revista Eletrônica de Administração*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 360-95, 2011.

SILVA, E. S. *Desgaste mental no trabalho dominado*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Cortez, 1994.

SCHNEIDER, S. C.; ANGELMAR, R. Cognition and organizational analysis: who's minding the store? *Organization Studies*, Los Angeles, v. 14, n. 3, 1987

STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2013.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 19 [número especial], p. 38-46, set. 2007.

ULYSSEA, G. Informalidade no mercado de trabalho brasileiro: uma resenha da literatura. *Brazilian Journal of Political Economy*, São Paulo, v. 26, n. 4, 2006

VASCONCELOS, E. F. *Declínio do projeto organizacional ufn iii: explorando o significado da experiência entre os atores*. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2016

O trabalhador informal: como significa e confere sentido à sua experiência

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e palavra. *In: VIGOTSKI, L. S. A construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VINIC, A.; VELLOSO, R. L. Processos e desenvolvimento da cognição social. *Temas sobre Desenvolvimento*, São Paulo, v. 18, n. 101, p. 3-10, 2011

YIN, R. K. *Case study research, design and methods (applied social research methods)*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2009.

